

OBRAS DO AUTOR PUBLICADAS PELA EDITORA RECORD

Com a maturidade fica-se mais jovem

Demian

Francisco de Assis

O jogo das contas de vidro

O lobo da estepe

Sidarta

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios. Os direitos morais do autor foram assegurados.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o Brasil adquiridos pela
EDITORA RECORD LTDA.

Rua Argentina, 171 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: (21) 2585-2000,
que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Produzido no Brasil

ISBN 978-65-5587-068-8

Seja um leitor preferencial Record.
Cadastre-se no site www.record.com.br
e receba informações sobre nossos
lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:
sac@record.com.br

Sumário

Prefácio do tradutor
Prefácio
Anotações de Harry Haller
Posfácio

Prefácio do tradutor

Escrito em 1927, *O Lobo da Estepe* já desafiou, incólume, o gosto e as tendências de várias gerações e, agora, adentra o terceiro milênio na certeza de que continuará a despertar a atenção de novos e mais céticos leitores. Porque este é um livro que não se lê inocuamente, por mera distração ou para se estar em dia com os sucessos do momento. É um livro que mexe, que altera, que subverte a estrutura psíquica do leitor e se coloca além do tempo e de suas influências por se ter transformado num clássico. Por isso, mesmo aqueles que já o leram em outras fases da vida encontram na releitura uma nova satisfação, descobrem nas sutilezas de sua trama, na profundidade de suas cogitações, no intrincado de sua simbologia, outras revelações que a experiência ou a apuração da sensibilidade literária lhes fará reconhecer.

É curioso notar que Hesse apresenta, no livro, três versões de seu personagem: a primeira, um suposto prefácio do editor, que na figura do sobrinho da senhoria do Lobo da Estepe relata o breve conhecimento que teve do hóspede. É a narrativa típica de um burguês que vê com estranheza a proximidade de um indivíduo singular, de hábitos conflitantes com os seus, os quais julga os únicos apropriados ao ser humano. A segunda é a narrativa do próprio personagem, Harry Haller, cujo nome aliterativo já é uma insinuação de ser ele o *alter ego* do escritor.

Na verdade, grandes partes da narrativa, em especial a evocação da juventude de Haller, são de cunho autobiográfico. Ademais, a propensão de Harry para viver em ambientes burgueses, embora abomine e vergaste a burguesia, torna seu perfil bastante próximo da idealização que dele faz o sobrinho da locadora. E a terceira, atribuída ao desconhecido autor do panfleto *Tratado do Lobo da Estepe*, que o personagem recebe de um propagandista ambulante, é vazada numa linguagem próxima do jargão psicanalítico e contém o estudo do comportamento de um “lobo da estepe”, que é o retrato em corpo e alma inteiros dele mesmo.

Esse sistema tríplice de exposição vai se repetir nos outros personagens — Hermínia, Maria e Pablo —, que são desdobramentos da personalidade de Harry. A primeira, de forma insistente, afirma ser “o espelho de Harry”, e o modo quase magisterial com que se expressa convém muito mais à formação cultural deste do que a uma garota de programa, que é a atividade dela. Hermínia chega mesmo, em determinado ponto da narrativa, a verbalizar a teoria de Ludwig Klages de que o corpo e a alma eram unos a princípio, até serem separados pelo intelecto, que se identifica com a serpente paradisíaca, portanto, com o demônio, o que constitui uma das teses preferidas do Lobo. Se Hermínia é o componente feminino de Haller a partir do próprio nome (Hermann-Hermínia), Maria por sua vez é apenas o corpo que se entrega, a parte “disponível” de Hermínia, pois esta se recusa a unir-se com Haller e deseja ser “morta” por ele. Já Pablo é sua versão masculina, aquele que gostaria de ser, e por isso suas referências guardam necessariamente um caráter homossexual, masturbatório, ou seja, o ser copulando consigo mesmo. Todos esses personagens vão se encontrar no Teatro Mágico, uma espécie de eufemismo para o uso de drogas.

Tudo isso poderia levar o leitor a ver no livro uma dessas narrativas simbólicas, que necessitam de decodificação psicanalítica para seu melhor entendimento. Mas, na verdade, não chega a ser bem ou só isso. O cerne do livro é, sem dúvida, o conflito entre os impulsos naturais do ser e as contenções espirituais de sua contraparte. Mas, com pouco, o autor reconhece que a dualidade homem-lobo é por demais simplificadora, que dentro de cada ser há centenas, milhares de outros seres, enfim, que a personalidade humana está sujeita a uma infinidade de atitudes, que encerra toda espécie de labirintos.

A partir desse núcleo, pode-se dizer que o livro é um breviário de reeducação moral, de desmantelamento de uma vida voltada para o ascetismo e sujeita a todo tipo de contenções, uma indução a que o personagem realize os impulsos que nele permaneciam sufocados. Quem conhece a juventude devota de Hesse — destinado por seus pais missionários à carreira eclesiástica; sua passagem por muitos seminários, donde foge finalmente para tentar vida autônoma na Suíça, como aprendiz de relojoeiro e caixeiro de livraria — percebe logo que o escritor fez da necessidade de “libertar” outros seres retraídos, semelhantes a ele, uma bandeira, um programa de vida literária, mediante a apresentação de paralelos que são capazes de reconciliar as partes antagônicas da personalidade. Não se esqueça de que Hesse, por essa época, tinha uma esposa em crise psiquiátrica e ele próprio se consultava em Luzerna com o Dr. J. Lange, discípulo de Jung.

A esse propósito, é admirável aquele momento do Teatro Mágico em que Haller (e conseqüentemente Hesse) recorda sua timidez diante da primeira namorada, a quem não ousa dizer as palavras que lhe teriam aberto as portas da plenitude. A possibilidade de revisão do passado, de passar a vida a limpo,

que lhe oferece o Teatro Mágico, encerra a lição de que é preciso vencer as inibições mediante a coragem de agir. Hesse pratica aí uma espécie de surrealismo *avant la lettre*, fazendo a existência prevalecer à essência, como na famosa proposição de Sartre. No fim, percebe-se que o Lobo da Estepe, sem abrir mão de seu refinamento, de seu elitismo, de sua sublimação musical, quer e pode igualmente participar do mundo dos comuns e nele reconhecer alegrias que, outrora, lhe pareciam vedadas ou indignas. *O Lobo da Estepe* é, pois, um *Bildungsroman* goethiano em sentido contrário, em que se cruzam temas de Hoffmann, Nietzsche, Freud e Dostoiévski.

O livro tem sua parte, por assim dizer, politicamente correta: o personagem é antibelicista (de maneira quase agressiva), ecológico (a ponto de querer arrancar os edifícios para dar lugar a antigos parques e jardins); condena a sociedade capitalista (que gostaria de ver afogada para sempre). Mas tem também suas derrapadas e incongruências: a maneira como descreve Pablo, embora cheia de insinuações, tem algo de racista quando fala em seus “olhos de mestiço” (*Kreolenaugen* em alemão); a insistência na divisão elitista da sociedade entre homens “diferentes” (intelectualmente bem-dotados) e homens comuns (a massa ignara). Mas são incontestavelmente válidas sua condenação da guerra e sua análise do nacional-socialismo que então tomava corpo na Alemanha. Outra das cenas singulares que ocorrem no Teatro Mágico (cujo sucedâneo hoje seriam os jogos virtuais) é, sem dúvida, a “caçada automobilística” em que Haller e seu ex-colega de escola Gustav se postam no belvedere de uma estrada para disparar contra todos os carros que aparecem. Gustav expõe sua teoria de que a guerra serve para equilibrar a proliferação humana e diz que tanto faz abater os carros que venham numa ou noutra direção, querendo Hesse com isso talvez significar que a guerra

é uma insanidade sob qualquer ponto de vista. Ao mesmo tempo, Haller, veemente condenador da ação guerreira sob todas as suas formas, experimenta um estranho prazer em destroçar os veículos que surgem. Hesse terá provavelmente pretendido demonstrar com essa espécie de parábola que mesmo os seres ditos racionais podem se entregar à carnificina dependendo das circunstâncias em que se encontrem. Quando surge um transeunte que nada tem a ver com a existência ou a destruição dos carros, Haller pergunta a Gustav: “Você gostaria de atirar contra aquele homem e lhe fazer um buraco na nuca? Por Deus que eu não conseguiria.” Ao que o amigo retruca: “Isso porque não te ordenaram”, podendo isso significar que até mesmo os bem-pensantes são capazes de violência e terror quando açulados por um *Führer*.

É claro que um livro como este tenha levantado protestos tanto da direita quanto da esquerda. O próprio Hesse, quando de sua publicação, reclamava que “a burguesia rejeitava o livro por ser impiedoso e desordenado, e os socialistas porque o achavam irremediavelmente individualista (ou seja, demasiadamente ‘burguês’, segundo eles)”. Embora o livro seja tudo isso ao mesmo tempo, ele se coloca num lugar à parte graças à luminosidade de seu estilo, ao poderoso arsenal léxico de suas construções elaboradas, e mesmo à sua poesia, que, longe de nos darem a sensação de artificialismo, nos transmitem uma emoção de coisa vívida e vivida, de pulsação, de energia, de clarividência. Além disso, nunca se poderá esquecer que ele representou extraordinário avanço sobre a linguagem da época, com sua temática ousada, em que há referências explícitas ao uso de drogas e a comportamentos eróticos e homossexuais pouco frequentes nas obras sérias de então.

Por este e outros motivos foi que, ao ser atribuído a Hesse o

Prêmio Nobel de Literatura de 1946, Anders Österling, secretário da Academia desde 1941, entusiasmado defensor dessa candidatura proposta por Thomas Mann, teve de recuar de seu propósito de condecorar “obras cujo estilo apresentasse audácias inovadoras” para atribuí-lo unicamente à poesia de Hesse, em que o melódico se funde numa vaga espiritualidade simbolista. Österling, que escrevera um vigoroso prefácio para a edição sueca de *O Lobo da Estepe* em 1932, só conseguira convencer seus pares a conceder a láurea a Hermann Hesse calando sobre os extraordinários impactos demolidores do escritor. Diante desses equívocos, o próprio Hesse achou conveniente escrever um posfácio ao livro, em que ressalta que “a história do Lobo da Estepe é, sem dúvida alguma, de sofrimentos e necessidades, mas mesmo assim não é um livro de um homem em desespero, mas o de um homem que crê. Embora trate de enfermidade e crise, não conduz à destruição e à morte, mas, ao contrário, à redenção”.

Ivo Barroso

Prefácio

Este livro contém as anotações que nos foram deixadas daquele a quem chamávamos, para usar uma expressão de que ele próprio usualmente se valia, o Lobo da Estepe. Questiona-se se este manuscrito necessita ou não de um prefácio; seja como for, de minha parte julgo imperioso acrescentar, às do Lobo da Estepe, algumas páginas em que procurarei plasmar as recordações que me ficaram de sua pessoa. Bem pouco é o que sei a seu respeito, sendo-me particularmente desconhecidos seu passado e sua origem: conservo, entretanto, de sua personalidade uma forte impressão e — cumpre-me declará-lo — bastante simpática, apesar de tudo.

O Lobo da Estepe era um homem de cerca de 50 anos que, certa vez, faz algum tempo, apareceu em casa de minha tia à procura de um quarto mobiliado para alugar. Interessou-se por um cômodo no andar superior, bem como por um dormitório contíguo. Voltou dias depois, trazendo duas malas e uma grande caixa com livros, e morou conosco durante cerca de nove ou dez meses. Vivia muito sossegado e para si. Não fosse a proximidade de nossos dormitórios nos proporcionar ocasionais encontros na escada e no corredor, e não nos teríamos conhecido, pois o homem era de fato insociável. E insociável a tal ponto que assim, estou para dizer, eu jamais observara em quem quer que fosse. Era realmente um Lobo da

Estepe, conforme ele próprio, às vezes, costumava chamar-se: um ser estranho, selvagem e, ao mesmo tempo, tímido, muito tímido mesmo, pertencente a um mundo bem diverso do meu.

Embora antes, graças aos nossos frequentes encontros, eu já lobrigasse algum conhecimento sobre sua maneira de ser, foi só após inferi-lo dos escritos aqui deixados que vim a saber do profundo isolamento em que ele mergulhara, seguindo uma tendência natural e fatalística, que o levava a considerar conscientemente tal isolamento como uma imposição de seu destino. Creio mesmo que o retrato que dele formei, em função de seus escritos, seja, na essência, bem semelhante àquele (embora mais difuso e sem precisão de detalhes) que me ficou de nosso trato pessoal.

Por casualidade, eu me encontrava presente no momento em que o Lobo da Estepe entrou pela primeira vez em casa de minha tia e com esta contratou o aluguel do apartamento. Chegou exatamente à hora do almoço; os pratos ainda estavam sobre a mesa e eu dispunha de algum tempo livre antes de ter que regressar ao escritório. Não posso esquecer a estranha impressão que me causou nesse primeiro encontro. Fez soar a campainha e avançou pela porta de vidro da entrada, em cuja semiescuridão minha tia foi perguntar-lhe o que desejava. Mas, antes de dar uma resposta ou dizer o nome, ele, o Lobo da Estepe, ergueu a cabeça afilada e de cabelos curtos, farejou avidamente o ar, exclamando: “Hum! Que cheiro bom aqui!” Riu em seguida, e minha boa tia riu também, mas eu achei cômica aquela forma de apresentação, sentindo-me algo indisposto contra ele.

— Vim ver o quarto que a senhora tem para alugar — disse.

Foi só quando subimos os três pela escada ao andar superior que pude observá-lo com atenção: não era muito alto, mas tinha o andar e a postura de cabeça das pessoas espigadas;

vestia um sobretudo de inverno, de talhe moderno e cômodo, e, quanto ao mais, estava decentemente vestido, embora com certo desalinho; o rosto bem barbeado e os cabelos curtos, nos quais se viam aqui e ali mechas grisalhas. A princípio, não me agradou nada seu modo de andar; tinha algo de pesado e inseguro que não se harmonizava com o perfil sisudo e enérgico nem com o tom e o teor de sua conversação. Somente mais tarde é que eu soube estar enfermo e que o caminhar lhe resultava incômodo. Com um sorriso muito introspectivo, que naquela ocasião também me pareceu desagradável, examinou a escada, as paredes, as janelas e os altos e velhos armários dos vãos: tudo ali parecia agradar-lhe e, ao mesmo tempo, dava a impressão de achar tudo ridículo. De um modo geral, deu-nos a ideia de alguém que tivesse chegado de um mundo estranho, talvez de países de além-mar, e encontrasse aqui tudo perfeitamente agradável, mas ao mesmo tempo um tanto cômico. Era, não se pode negar, cortês e até mesmo amável; aceitou logo e sem objeções a casa, o quarto, o preço do aluguel e do café da manhã, mas mesmo assim havia, pelo menos me pareceu, uma atmosfera estranha de hostilidade e desagrado em torno daquele homem. Alugou a saleta e também o dormitório, procurou ficar a par de tudo que dizia respeito à calefação, água, serviços e os hábitos da casa; ouviu tudo atentamente e com muita amabilidade, mostrando-se de acordo com tudo. Em seguida, ofereceu também um pagamento antecipado sobre o aluguel, embora me parecesse não estar de acordo com absolutamente nada daquilo. Parecia estar achando-se ridículo em suas atitudes e querer levar tudo na brincadeira, como se fosse algo de extraordinário e novo alugar um quarto e conversar normalmente em alemão, estando, no íntimo, ocupado com outras coisas bem diversas daquelas.

De certo modo, esta foi minha impressão, que teria sido

ainda pior se não a corrigissem e delineassem as expressões de seu rosto, pois foi sobretudo a face daquele homem o que nele me agradou desde o princípio. Apesar daquela impressão de estranheza, sua fisionomia me agradou. Era, de certa forma, peculiar e triste, mas ao mesmo tempo astuta, inteligente, fatigada e espiritual. Ocorre que, para dispor-me mais facilmente à reconciliação, havia em sua cortesia e amabilidade — embora parecessem resultado de algum esforço — uma total ausência de orgulho; ao contrário mesmo, havia nelas algo de comovente, de quase suplicante, para o que só mais tarde encontrei explicação, mas que desde logo me predispôs a seu favor.

Antes que terminasse a inspeção dos cômodos e de levar a cabo o trato, já o meu tempo de almoço se havia esgotado e eu devia regressar ao trabalho. Despedi-me e deixei-o com minha tia. Quando voltei à noitinha a casa, disse-me ela que o senhor havia finalmente alugado o quarto e que para lá se mudaria dentro em breve, tendo-lhe pedido, contudo, que não comunicasse sua entrada à polícia, pois a um homem doente como ele seriam incômodas essas formalidades e andanças pelas delegacias e tudo mais.

Lembro-me perfeitamente da admiração que tal fato me causou e de como recrimei minha tia por ter concordado com tal exigência. Esse temor à polícia era compatível demais com seu ar esquisitão e pouco amistoso para não me despertar suspeitas. Fiz ver à minha tia que concordar com aquele pedido pessoal poderia, em tais circunstâncias, acarretar-lhe sérios aborrecimentos, e que, portanto, não devia em hipótese alguma consentir. Mas fiquei logo sabendo que ela prometera satisfazer-lhe o desejo e que havia, além disso, deixado fascinar-se pelo singular personagem. Na verdade, para com

todos os hóspedes, acabava por demonstrar sentimentos humanos, amistosos, de tia, e muitas vezes maternais, coisa de que alguns souberam aproveitar-se bem. E logo nas primeiras semanas ficou patente que, enquanto eu tinha muito a reprovar no novo inquilino, minha tia cada vez mais o colocava sob sua calorosa proteção.

Como não me agradasse o fato de não se ter feito comunicação alguma à polícia, quis inteirar-me pelo menos do quanto minha tia indagara acerca do estranho, de sua origem e de suas pretensões. Já era algo que sabia, embora o homem pouco demorasse após minha saída. Disse-lhe que pretendia ficar na cidade alguns meses, frequentar a biblioteca e visitar os monumentos notáveis.

Minha tia não se mostrou satisfeita ao saber que a locação se faria por tão curto prazo, mas evidentemente ele já a havia conquistado, a despeito de sua singular apresentação. Em suma, os quartos já estavam alugados e minhas advertências haviam chegado tarde.

— Por que achou bom o cheiro daqui? — perguntei.

Ao que minha tia, que às vezes tinha bons pressentimentos, respondeu:

— Sei perfeitamente por quê. Nossa casa cheira a limpeza, a ordem, a uma vida amistosa e decente, e isso lhe agradou muito. Parece que fazia muito tempo não sentia isso e já estava lhe fazendo falta.

Mais uma razão, pensei comigo.

— Mas — perguntei — se ele não está acostumado a uma vida ordenada e decente, que poderá acontecer? Que fará a senhora se ele não for asseado e emporcalhar tudo, ou se voltar para casa todas as noites bêbado?

— Isso veremos — retrucou ela, e eu deixei o caso morrer por aí.